

O 17 DE OUTUBRO NA ARGENTINA

Espaço e produção social do carisma (*)

Federico G. Neiburg

No dia 4 de junho de 1943 um golpe de Estado marcou o final de mais de dez anos de governos fraudulentos na Argentina. A chamada "década infame" chegava a seu fim.⁽¹⁾ O grupo de oficiais que promoveu o golpe não incluía em suas bandeiras a da restauração democrática. Em contrapartida, anunciou como objetivos "eliminar o sistema de fraude", acabar com a "má política" e promover um governo nacional de "engrandecimento do país". Entre os líderes do movimento estava um oficial até então desconhecido e que, anteriormente, passara um longo período na Itália de Mussolini: o coronel Juan Domingo Perón. Com o decorrer do tempo, sua figura passou a ser vista como a do verdadeiro "ideólogo" daquele golpe, o que se confirmou por sua trajetória vertiginosa no novo governo: em pouco tempo, acumulou os cargos de ministro da Guerra, secretário do Trabalho e Previdência e vice-presidente da nação.

Transformado em "homem forte" do regime, Perón converteu-se no alvo principal de uma oposição que se confrontava com ele em dois campos. O primeiro era o de sua política social e trabalhista: a partir da Secretaria do Trabalho e Previdência, Perón promoveu uma grande reestruturação das relações trabalhistas, o que provocou feroz oposição por parte das associações patronais e também das direções sindicais "tradicionais", que não viam com bons olhos a política de cooptação de adeptos posta em prática pelo coronel entre os quadros intermediários das organizações operárias. O segundo campo de confronto era o da política exterior: no contexto da Segunda Guerra Mundial, o novo governo mantinha uma política de "neutridade" que não ocultava suas simpatias pelo Eixo, apostando em uma vitória alemã que permitiria transformar a Argentina em uma "potência americana" (sobre o Brasil, que se colocara ao lado dos Aliados). Essa política de "neutralidade" serviu de base para a estruturação do discurso da oposição, para a qual a revolução de 4 de junho apresentava um governo "totalitário" financiado pelo "ouro de Berlim" e tinha o seu "Duce" na figura do coronel Perón. A política social e trabalhista desse governo não era mais do que uma confirmação de suas pretensões totalitárias. A oposição esforçou-se então em reproduzir no território argentino e na política local as coordenadas da conflagração mundial. Ao "governo de fato" opôs-se uma grande "frente antifascista", que aglutinava todas as forças "aliadas", incluindo a embaixada norte-americana, os partidos tradicionais, como o Radical e os conservadores, os partidos comunista e socialista, as organizações do movimento estudantil. Era a "União Democrática".

Passados dois anos e frustradas as expectativas militares quanto ao desfecho da guerra, o regime encontrava-se acuado entre a pressão crescente da oposição e a necessidade de encontrar caminhos para uma "saída política" que não significasse uma derrota humilhante. Com a oposição presente nas ruas, pressionando um governo que se enfraquecia dia a dia, rompeu-se a unidade do que parecia ser o único apoio com que ainda contava o regime: o exército. Num autêntico "golpe palaciano", um grupo de oficiais exigiu a remoção do elemento mais irritante aos olhos da oposição. No dia 9 de outubro de 1945, Perón renunciou a todos os seus cargos no governo e solicitou sua transferência para a reserva, como coronel do exército.

A partir daquela terça-feira, o processo político argentino adquiriu uma fluidez alucinante, que em apenas uma semana mudou a fisionomia do país. Em vez de superar o impasse, a renúncia de Perón tornou-o mais agudo. Desconfiando da manobra militar, a oposição exigia a entrega do poder à Suprema Corte de Justiça, o que parecia, aos olhos do governo, uma capitulação inadmissível. Enquanto este procurava ganhar tempo, renovar suas alianças políticas e demonstrar suas "intenções democráticas sinceras", Perón foi preso, na noite de 12 de outubro, e confinado na ilha de Martín García, no rio da Prata.

Na tarde do dia seguinte, seu substituto na Secretaria do Trabalho e Previdência assumiu o cargo e, em seu discurso de posse, pôs em questão a continuidade da política social e trabalhista implementada por Perón. Três dias depois, a 16 de outubro, enquanto a Confederação Geral do Trabalho (CGT) decidia, com uma votação apertada, a convocação de uma greve geral para o dia 18, e enquanto o governo não conseguia formar um novo gabinete e a oposição parecia imobilizada, milhares de manifestantes começaram a percorrer as ruas das principais cidades do país, pedindo a libertação do coronel. Durante a tarde daquele dia e do seguinte produziu-se um acontecimento até então inédito na história política do país: uma multidão invadiu o centro da cidade de Buenos Aires. Exigindo a presença de Perón, a multidão atreveu-se a tomar conta da Plaza de Mayo. Algumas fontes talam em 200 mil pessoas, outras calculam em meio milhão, ou chegam a afirmar que foram mais de um milhão de homens e mulheres. Vindos, em sua maioria, das áreas periféricas da capital, os manifestantes pareciam ter tomado conta da cidade.

Perón, que nessa manhã havia sido transferido da ilha de Martín García para o Hospital Militar, em Buenos Aires, acabou aparecendo nos balcões da Casa Rosada - sede do governo federal - quase à meia-noite. Dali, dirigiu-se à multidão que o aclamava, congregada na Plaza de Mayo, e às que, em outras praças do país, tinham esperado suas palavras durante todo o dia. Agitando bandeiras, retratos do líder e centenas de tochas, a multidão e o coronel entregaram-se a um diálogo fantástico, que sancionou a produção de um novo líder e o nascimento de um movimento político cuja influência na vida política da Argentina é marcante até o presente.

Em fevereiro de 1946, Perón foi eleito presidente. Permaneceu no poder até setembro de 1955, quando outro golpe militar o derrubou. Nesses dez anos de governo, cada 17 de outubro foi objeto de uma liturgia particular. Recriando os acontecimentos que marcaram a origem do movimento, o líder e a multidão reuniram-se a cada ano na Plaza de Mayo.(2)

O objetivo deste artigo é observar o 17 de outubro de 1945 a partir de uma perspectiva que dê prioridade à **dimensão cultural** dos acontecimentos, destacando o que eles revelaram e tornaram visível da sociedade argentina e o que produziram de novo e duradouro nos planos social, político e cultural.

Duas observações constituem o ponto de partida para a construção do nosso objeto. Em primeiro lugar, é preciso ressaltar um elemento que pouco se tem levado em conta no exame daquele momento: a "invasão da Plaza de Mayo" pela multidão esteve longe de ser um fato isolado. Foi, antes, a culminação de uma série de mobilizações e de lutas de rua que se prolongaram por vários meses, nas quais se enfrentaram partidários e opositores do coronel. Os acontecimentos do 17 de outubro de 1945 foram, estritamente falando, parte de **uma verdadeira batalha que fede como cenário principal e como objeto de luta o espaço da cidade de Buenos Aires**. Desta perspectiva, a consideração daqueles acontecimentos conduz ao tratamento de uma série de problemas referentes às relações entre espaço e sociedade, à dimensão espacial dos conflitos sociais e à relação entre grupos sociais e fronteiras espaciais, entre espaço e formas de poder. Daí surge o primeiro objetivo deste artigo: **realizar uma morfologia das mobilizações de rua**, buscando descobrir o que cada uma dessas mobilizações - e os contrastes entre elas - permitem compreender do processo social e do confronto que então se desenvolveu.

Em segundo lugar, os acontecimentos do dia 17 de outubro conferem aos observadores o privilégio de apreciar um espetáculo pouco freqüente e oferecem a possibilidade de abordar analiticamente um processo poucas vezes estudado: o da **consagração de uma nova liderança carismática**. Centrado nessa perspectiva da análise das relações entre **formas de poder** e **organização espacial**, veremos como, neste caso, a **dimensão espacial das lutas sociais é constitutiva do processo de construção social de uma nova autoridade carismática**. Mostraremos de que maneira o desfecho da batalha - com a ocupação da Plaza de Mayo e sua transformação no cenário do diálogo primordial entre a multidão e o novo líder - redefiniu e consagrou um novo "centro" na vida política do país.

As ruas de Buenos Mires como cenário e objeto da luta política

Todas as crônicas concordam ao afirmar que, na segunda metade de 1945, as ruas da cidade de Buenos Aires se transformaram em objeto de disputa. Elas foram percorridas diversas vezes, primeiro por manifestantes antigovernamentais (já "antiperonistas", estritamente falando) e, pouco a pouco, também por colunas leais ao coronel. Felix Luna relata que "Buenos Aires havia se convertido numa vasta manifestação de rua" e conta que "parecia que a batalha seria ganha sobre o asfalto" (Luna, 1986, pp. 91 e 94). Por seu turno, Gambini começa sua crônica dizendo que em 1945 a Argentina assistia "ao confronto entre peronistas e antiperonistas, em bandos que disputavam violentamente as ruas de Buenos Aires" (Gambini, 1971, p.11). Entretanto, são poucas as referências às formas concretas de protesto e de mobilização assumidas pela ação coletiva naqueles meses. Ainda menos numerosas são as análises que estabelecem relações entre as formas que os acontecimentos do 17 de outubro assumiram e a sucessão de mobilizações dos meses anteriores.(3)

Como acontece com todo espaço apropriado socialmente, a cidade de Buenos Aires é **um espaço construído, diferenciado**, no qual cada lugar tem um valor, possui marcas e atributos simbólicos que designam - entre outras coisas - a relação que os diferentes grupos sociais mantêm com ele, e que mostram, também, as relações dos grupos sociais entre si. A área central da capital federal continha - e, sem dúvida, contém ainda hoje - a concentração máxima de todos os símbolos da autoridade política e do poder econômico, social e cultural: a Casa Rosada e o Congresso Nacional, a Catedral, as sedes dos clubes sociais da elite (junto às casas e edifícios por ela habitados), as sedes do Círculo Militar e da Sociedade Rural, as universidades e as sedes dos meios de comunicação, além de praças e monumentos.

Seguindo a preocupação insistente da escola sociológica francesa em destacar o caráter socialmente construído do espaço(4), pode-se ver como o cenário maior das mobilizações estava longe de ser um espaço físico ou geográfico socialmente vazio ou indeterminado. Ao contrário, o centro da cidade era o lugar onde os grupos sociais dominantes exibiam o seu poder, marcavam sua presença e atestavam sua posição na sociedade, mostrando todos os seus emblemas. É por isso que cada ato realizado na cidade, cada percurso feito pela multidão, cada estandarte carregado por cada uma de suas ruas, cada *slogan* gritado ou pintado nos muros de cada edifício e de cada monumento, é um sinal revelador de profundos significados sociais.

Da parte dos grupos que estavam na oposição e que exigiam o agastamento do incômodo coronel e a abertura "democrática" - entre os quais se encontravam os setores mais tradicionais da elite - tratava-se de reafirmar sua soberania sobre aquele espaço concentrador de todos os poderes, exibindo, perante um governo de lealdade e comportamento "duvidosos", seu verdadeiro reinado sobre o centro da vida social e política do país. Para eles, as primeiras incursões dos grupos que incipientemente se definiam como "peronistas" sobre espaços que até então lhes eram vedados pareciam presságios ameaçadores. A presença das colunas provenientes da periferia da cidade, que se atreviam pela primeira vez a chegar ao centro da capital, em meados daquele ano de 1945, parecia anunciar que alguma coisa mudara na sociedade, o que ficaria dramaticamente demonstrado nos eventos de outubro, quando essa presença adquiriu um verdadeiro caráter de subversão das hierarquias sociais e culturais.

O centro da cidade de Buenos Aires convertera-se em cenário e em objeto de uma luta política, na qual o enfrentamento entre os dois grupos aparecia sob a forma de autênticas teatralizações. Uns tinham o propósito de **reafirmar seu poder tradicional**, outros o de **reclamar um novo lugar na sociedade**.(5)

Os processos e momentos de ruptura na ordem social possuem a propriedade de revelar os princípios - geralmente naturalizados - sobre os quais repousa a organização da vida social. Daí que a consideração desses momentos de ruptura apresenta vantagens analíticas notáveis.(6) Nesse sentido, **observar as formas concretas do conflito** que começava a se desenrolar nas ruas de Buenos Aires é um caminho privilegiado para a visualização dos contornos da morfologia da sociedade argentina, do alcance de suas transformações e do caráter de seus conflitos mais profundos.(7)

Quem se empenhasse na tarefa de determinar uma data como ponto de partida para os acontecimentos daquele ano não teria dúvida em situá-la no dia 15 de junho. Naquela manhã, os jornais de Buenos Aires publicaram uma declaração de guerra ao "governo de fato" e ao seu "homem forte": o Manifesto da Indústria e do Comércio. Esse

documento atacava o conjunto da política governamental, centrando-se na ação da Secretaria do Trabalho e Previdência, dirigida por Perón. Mais tarde lembrada como o "Manifesto das Forças Vivas", tal declaração foi subscrita por mais de 300 entidades, entre elas a União Industrial, a Bolsa de Valores, a Sociedade Rural. Logo após um curto período de "guerra de proclamações" a favor e contra, a luta transferiu-se definitivamente para as ruas da cidade.

Dado o caráter marcadamente "patronal" do manifesto - seu alvo principal eram as reformas sociais -, a CGT respondeu com o primeiro ato de apoio explícito à ação da Secretaria do Trabalho e Previdência e à gestão do coronel Perón. No dia 12 de julho, colunas de trabalhadores vindas dos bairros operários da periferia entraram no centro da cidade e concentraram-se em três pontos: Plaza del Congreso, Plaza San Martín e Montserrat. (8) Desses pontos, mais de 300 mil pessoas avançaram até a esquina das ruas Diagonal Norte e Florida (a cerca de 300 metros da Plaza de Mayo), onde se realizou o ato programado pela CGT. Terminado o ato oficial, a multidão rumou para a sede da Secretaria do Trabalho. Ali, os manifestantes exigiram que o coronel saísse aos balcões para dirigir-lhes a palavra. O discurso de Perón foi breve e contundente. Colocou-se como vítima dos ataques e prometeu "lutar até o fim pela verdade, a razão e a justiça". (9)

A mobilização de 12 de julho, a maior manifestação a favor de Perón anterior ao 17 de outubro, teve um caráter marcadamente diferente em relação a esta última: seu alto grau de organização e o cuidado com todos os detalhes estiveram a cargo da CGT. Só houve uma violação em relação ao previsto pelos "corpos orgânicos" da central operária. Ainda timidamente, alguns grupos começavam a proclamar uma nova identidade. Pela primeira vez na história do país, ouviu-se gritar slogans como "Um milhão de votos!", "Perón presidente!", "Nem nazistas, nem fascistas: peronistas!". Entretanto, nessa ocasião, em vez de invadir a Plaza de Mayo, a multidão optou por percorrer os seus arredores. Passou a poucos metros dela e deslocou-se pelas ruas laterais. Ocupou o centro da cidade, sem atrever-se ainda a ocupar o "centro do centro".

Apesar dessa enorme mostra de apoio popular, a ofensiva contra Perón e o regime militar acirrou-se ainda mais. A oposição parecia estar decidida a responder ao ato da CGT, abandonando as simples declarações para demonstrar também seu real poder de mobilização de rua. Enquanto isso, o espaço de Perón parecia reduzir-se. Desapareciam as mostras de apoio de multidão e o coronel apelava para um único recurso: dirigir-se ao país através da Cadeia Nacional de Radiodifusão. Entre agosto e setembro, a cidade de Buenos Aires foi da oposição.

A "frente democrática" saiu à rua pela primeira vez no dia 9 de agosto. Manifestando-se contra o "fascismo criollo" e pedindo o retorno ao Estado de Direito, uma multidão se congregou nas ruas Diagonal Norte e Florida, em frente ao monumento a Sáenz Peña, com o objetivo de homenagear o autor da Lei do Sufrágio Universal. No dia seguinte, repetiram-se as mobilizações, com outro pretexto: a rendição do Japão e o fim da Segunda Guerra Mundial. Manifestações percorreram as ruas em protesto contra a "repressão às liberdades civis". Naqueles dias, um novo fenômeno apareceu: a intervenção policial e os enfrentamentos violentos, que se prolongaram até altas horas da noite, entre "opositores" e "nacionalistas" partidários do regime militar.

Ao entardecer do dia 10 de agosto, surgiu o motivo da manifestação do dia seguinte: a morte de dois opositores, um estudante e um empregado do comércio.

No dia 11, no meio da manhã, uma multidão compareceu à Plaza San Martín para homenagear o "Libertador" e os dois novos "mártires" das "lutas pela democracia". Toda a frente oposicionista aderiu ao ato, desde os signatários do Manifesto das Forças Vivas até o embaixador americano, além de vários partidos - Radical, Democrata Progressista, Comunista, Socialista - as federações universitárias e alguns sindicatos ainda controlados pelos "partidos operários". Seguindo a tônica dos últimos acontecimentos, a manifestação terminou de modo violento.

O governo reimplantou o estado de sítio e um dos setores mais dinâmicos da mobilização oposicionista, a Federação Universitária de Buenos Aires (FUBA), respondeu no dia 18 de agosto decretando uma greve de uma semana, o que aumentou a comoção na área central da cidade. Os estudantes ocuparam as faculdades. Dali, saíam percorrendo as ruas, visitando as sedes de órgãos de imprensa, que - com a única exceção do jornal La Época - estavam alinhados com o campo "democrático" e publicavam notícias do movimento oposicionista e da greve estudantil. Imediatamente as faculdades se converteram em alvo dos grupos que apoiavam o regime. Estes repetiam o

percurso de seus adversários: logo após atacar as faculdades, apedrejaram as sedes dos grandes jornais "democráticos".(10)

A greve acabou mediante intervenção das forças policiais, que desalojaram os estudantes das faculdades e prenderam mais de 1.500 deles. "Nunca se odiou tanto em Buenos Aires", recorda um cronista ligado na época à Federação Universitária. Por sua vez, um alto dirigente sindical que apoiava a gestão do coronel Perón relata como, devido à greve universitária e à ocupação das faculdades por parte dos estudantes "oposicionistas", aqueles que defendiam o "governo revolucionário" transformaram em grito rebelde uma correlação que, com conteúdo negativo, um deputado socialista havia formulado algum tempo antes. Nascia a palavra de ordem "Alpargatas sim, livros não!"(11), destinada a perdurar no tempo e a tingir as mobilizações de apoio a Perón com um tom fortemente antiintelectualista.(12)

As manifestações antigovernamentais, que a cada dia adquiriam um tom mais definidamente "antiperonista", tiveram seu ponto culminante em meados do mês de setembro. As forças oposicionistas programaram para o dia 19 daquele mês unia grande "Marcha da Constituição e da Liberdade". Uma imensa multidão se reuniu na Plaza de Congreso e percorreu dois quilômetros até finalizar na Plaza Francia(13). A manifestação era encabeçada por um grupo de representantes de todo o espectro oposicionista. Às suas costas, espalhava-se uma multidão, que os jornais calcularam em um milhão de pessoas. As crônicas coincidem em afirmar que se tratou de uma impressionante demonstração de força por parte da oposição, que "tomou posse da cidade de Buenos Aires" de um modo particularmente organizado: dos caminhões com autofalantes surgiam palavras de ordem, discursos e, repetidas vezes, *A Marselhesa*; "comissários" trazidos pelas brigadas estudantis e organizados pelos experientes militantes comunistas controlavam cada detalhe do trajeto. No seu percurso através das avenidas Callao e Santa Fe, a multidão se deteve várias vezes para dar vivas a dirigentes da oposição, gritando, assobiando, pedindo a entrega do poder à Suprema Corte de Justiça e solicitando vitoriosamente: "Votos sim, botas não!", "Para Farrel e Perón, nós fazemos o caixão!"

A característica mais notável da Marcha, no entanto, foi a busca de sua legitimidade na invocação de um vasto panteão de próceres nacionais. Atrás do grupo de notáveis que encabeçava a Marcha, entre o mar de gente, sobressaíam os estandartes e cartazes com as imagens dos pretendidos patronos: San Martín, Belgrano, Moreno, Rivadavia, Echeverría, Urquiza, Sarmiento e Roque Sáenz Peña.

No dia seguinte, começou a disputa para medir o verdadeiro resultado da Marcha. Os simpatizantes do governo minimizaram o número de pessoas e, sobretudo, tentaram demonstrar que os participantes não tinham nada a ver com o verdadeiro "povo".(14) Os organizadores da mobilização, por sua vez, proclamaram, desafiantes, seu sucesso, alegando ser impossível que em multidão parecida não houvesse também "povo". O conjunto da imprensa "democrática" anunciou a vitória. "500.000 pedem o fim do regime de Perón", tituló o jornal *La Nación*. Outro - *La Prensa* - festejou: "Buenos Aires vibrou ontem num só clamor: Liberdade e Constituição!"

O "governo de fato" cambaleava e o odiado coronel parecia perder todos os espaços. Finalmente, no dia 9 de outubro, produziu-se o inevitável: Perón renunciou a todos os seus cargos.

No dia 12 de outubro, a oposição realizou sua última grande mobilização antes dos eventos do dia 17. Desde a manhã daquela sexta-feira - feriado do "Dia da Raça" - uma multidão se reuniu na Plaza San Martín, sem a mesma organização mostrada na Marcha da Constituição e da Liberdade. Entretanto, a convocação tinha um objetivo bem definido. Perón caíra, mas ainda não estava claro o rumo que o governo tomaria. Tudo parecia estar nas mãos dos chefes militares, ou, pelo menos, assim acreditava a oposição (equivocadamente, como os fatos logo mostrariam). A informação de que a cúpula do exército estava reunida no Círculo Militar, situado na Plaza San Martín, levava a oposição a comparecer maciçamente ao local, para pressionar a favor da "saída política", exigindo a entrega do poder à Suprema Corte.

A oposição viveu naquele dia uma verdadeira fantasia de "revolução democrática" de contornos alucinantes: jovens estudantes marchavam com emblemas, entoando *A Marselhesa*, homens e mulheres colocavam enfeites nas bandeiras e cantavam o Hino Nacional. O próprio jornal *La Prensa*, de violenta orientação oposicionista a Perón, não hesitou em relatar aquele jornada nestes termos: "Era um público seleta, formado por senhoras e moças de nossa sociedade e cavalheiros de projeção social, política e universitária". Tudo o que os simpatizantes de Perón

denunciaram sobre a composição social da Marcha da Constituição e da Liberdade parecia confirmar-se ao se observar a multidão que insultava o coronel e gritava palavras de ordem democráticas na Plaza San Martín. As jovens e senhoras da "sociedade" repartiam sanduíches e refrescos entre os presentes, iam e vinham das cozinhas improvisadas nas casas das "boas famílias", numerosas na região, colaborando dessa forma no que viviam como uma jornada histórica. Nas palavras de um cronista, era como se um extenso grupo de notáveis houvesse decidido "instalar ali o seu bivaque", como se os seletos líderes da Marcha do 19 de setembro houvessem decidido utilizar o gramado da Plaza San Martín para um "déjeuner sur l'herbe".(15)

Sem obter resposta alguma dos militares - que se negavam a "capitular", cedendo à exigência de entregar o governo à Suprema Corte - a multidão se dispersou ao anoitecer. Aconteceram algumas escaramuças violentas entre grupos de "opositores" e a polícia, apoiada por partidários do "governo de fato". Somente no dia seguinte espalhou-se a notícia de um novo acontecimento da maior importância: Perón havia sido detido.

Quais foram os significados profundos das mobilizações de oposição de agosto, setembro e outubro de 1945? Dificilmente pode-se pensar na mesma resposta para cada uma das manifestações. O que começou com escaramuças no início de agosto transformou-se, algumas semanas depois, numa verdadeira batalha em função da greve estudantil, teve seu momento de maior organização e solenidade no dia 19 de setembro, por ocasião da Marcha da Constituição e da Liberdade, e acabou numa reunião do "tout Buenos Aires", em 12 de outubro, na Plaza San Martín.

Sem dúvida, nos diferentes tipos de ação de rua e nos diversos sentidos adquiridos pelas mobilizações manifestou-se a enorme heterogeneidade da "frente democrática". Uma oposição integrada por comunistas e socialistas que, treinados em protestos de rua, forneceram uma quota de organização às manifestações. Os radicais puderam reeditar tanto as lutas do começo do século - quando, ainda antes da Lei do Sufrágio Universal, foram sinônimo de oposição -, como também seu último ato de multidões, realizado uma década antes, por ocasião da morte do caudilho Hipólito Yrigoyen. As organizações estudantis, por sua vez, contribuíram com a juventude e a combatividade, que tinha antecedentes nas lutas pela reforma universitária. A oposição, no entanto, também tinha, como um de seus núcleos mais dinâmicos, outro conjunto de organizações e representantes de setores sociais: as "forças vivas", integradas por organizações patronais e da elite, grupos de militares e partidos conservadores. Para eles, a mobilização de rua constituía uma experiência inédita. E mais: para eles, o próprio *status* de "oposição" possuía um significado absolutamente especial, dado que eram eles que tradicionalmente haviam exercido o poder econômico, social, cultural e político do país.

A trajetória das mobilizações de agosto teve um caráter bem mais "convencional": um percurso por algumas ruas que culminava com um ato em algum lugar marcado simbolicamente (um monumento, por exemplo), no qual os representantes de diversos setores pronunciavam seus discursos.

A greve estudantil marcou um período de verdadeira "luta de rua", com correrias, barricadas, ocupação de edifícios, coquetéis molotov e investidas policiais.

A Marcha da Constituição e da Liberdade exibiu traços bem diferentes: encabeçada por um grupo de "notáveis", foi inovadora em termos de trajetos e de estandartes. Desfilaram os heróis nacionais pelos bairros e ruas mais "finos" de Buenos Aires: o Barrio Norte, Recoleta e Plaza Francia, as avenidas Callao, Alvear e Quintana - um autêntico "petit Paris", como gostam de dizer alguns de seus orgulhosos habitantes. Passearam em frente a casas, edifícios e palácios onde viviam alguns dos que dela participavam. Por último, a Marcha não terminou num ato com discursos, mas numa simples dispersão, sugerindo a existência de conflitos internos entre seus organizadores, mas, ao mesmo tempo, destacando ainda mais a importância da demonstração de rua, pois tal ocupação desses espaços da cidade possuía um significado maior que as palavras de ordem pronunciadas em qualquer discurso.

O auge dessa trajetória de mobilização oposicionista foi a reunião na Plaza San Martín, com as jovens "da sociedade" repartindo sanduíches e bebidas, enquanto se apostava que os fardados reunidos no Círculo Militar decidiriam o futuro do país. Entre esses militares, havia um bom número de parentes e integrantes dessa mesma "sociedade", até há pouco seus aliados mais confiáveis.

De modo algum pretende-se sugerir que as manifestações da oposição eram compostas somente por membros da elite portenha. Seria sumamente difícil arriscar uma análise da composição das mobilizações, mas na verdade a

dimensão quantitativa pouco importa para os efeitos da argumentação deste trabalho. O certo é que nas **formas** concretas de protesto e de ocupação do espaço, nos **lugares** escolhidos para as demonstrações de força, nas palavras de ordem gritadas, expressava-se muito mais que as ambigüidades de uma frente de oposição tão heterogênea. Se fosse possível diferenciar **estilos diferentes de protesto social**, essas mobilizações mostrariam a progressiva predominância dos grupos sociais que encarnavam um *status* "opositor" muito duvidoso. Para tais grupos, ou seja, as "forças vivas", o "tout Buenos Aires", a ação de ocupar as ruas - "suas" ruas - constituía, mais do que um ato estritamente "opositor", uma verdadeira **exibição**. Opondo-se ao "governo de fato" e vociferando contra o coronel Perón, essas mobilizações adquiriram progressivamente um autêntico caráter **teatralizador**, no qual setores sociais representaram sua soberania, ao mesmo tempo sobre o centro da cidade de Buenos Aires e sobre a sociedade argentina.

No entanto, à luz dos acontecimentos posteriores, não pode deixar de chamar a atenção o fato de que em nenhum momento os grupos de oposição escolhessem como cenário de seus protestos a Plaza de Mayo. Esta observação permite ressaltar ainda mais o profundo significado que teve o desfecho das batalhas de rua, com a ocupação da Plaza pelas manifestações "peronistas", no dia 17 de outubro, e o efeito de constituição do "centro" que essa ação revelou.

O 17 de outubro e o resultado da batalha pela cidade

Numa análise sugestiva sobre os aspectos simbólicos do poder, Clifford Geertz fala da existência de **centros** que animam a vida social e que constituem as "arenas" de eventos transcendentais nos processos de constituição e de recriação do carisma. Seguindo Edward Shils, Geertz mostra que o essencial a tais "centros" não é a sua posição geográfica, mas sim o fato de estarem "perto do coração" cultural daquelas sociedades. Rodeados de toda a sacralidade que é inerente ao poder e situados nos "pontos onde as idéias dominantes da sociedade se articulam com suas instituições dominantes", tais "centros" são, em primeiro lugar, **construções sociais**. No centro político de qualquer sociedade complexa, afirma Geertz, há uma elite governante e um conjunto de formas simbólicas que expressam o fato de que ela verdadeiramente governa. Esse conjunto de formas simbólicas, reproduzidas em estórias, mitos, cerimônias e insígnias, "marca o centro com o centro" (Geertz, 1977, pp. 150-153).**(16)** Em seu ensaio, Geertz estuda diferentes modos pelos quais o poder carismático está "envolvido", em diferentes sociedades, com os "centros" que as animam. Seguindo a preocupação especial de Weber pelas formas de "rotinização" do carisma, Geertz coloca a ênfase de sua análise na sucessão regular de rituais que servem para reproduzir as marcas da autoridade central.

Evocar os acontecimentos do 17 de outubro na Argentina nos permite mudar a ênfase weberiana do estudo de Geertz, explorando analiticamente o raro privilégio de observar o momento culminante do processo no qual um desses "centros" é **produzido socialmente**. **(17)** Nesse caso, observa-se um processo no qual o poder carismático surge como resultado de um conflito entre as classes de uma mesma sociedade. Ao contrário dos casos estudados por Geertz (Elizabeth, da Inglaterra; Hassan, do Marrocos; e Hayam Wurak, de Java), nos quais o poder carismático parece repousar sobre um consenso prévio da parte das respectivas sociedades, aqui o novo líder nasce na relação com apenas uma parte dela. Por outro lado, paralelamente à constituição do novo líder, essa parcela da sociedade - o "povo" trabalhador - se diferencia como categoria social, constituindo também traços de sua nova identidade. **(18)**

Devido ao resultado da batalha desenvolvida naquela época nas ruas de Buenos Aires, a Plaza de Mayo se converterá numa das "arenas" de que fala Geertz. Transformada num autêntico "centro do centro", servirá de cenário para a constituição de Perón como uma nova figura carismática, nascida do encontro com a multidão que festejou ali sua vitória na disputa pela cidade. A Plaza de Mayo, depois daquele dia - e por muitos anos - foi o espaço reservado para uma evocação, o cenário de um ritual que reproduzia o encontro original no diálogo marcado para cada 17 de outubro.

Nessa altura da análise, impõe-se o exame de dois problemas. Em primeiro lugar, o que contribuiu para que a ação de invadir a Plaza de Mayo tivesse tais conseqüências, resultando na produção de uma nova forma de poder, na produção social de uma nova liderança? Como já sugerimos, a Plaza de Mayo não era um lugar social e culturalmente "vazio". Pelo contrário, nela estavam presentes alguns dos símbolos máximos do poder do Estado, da autoridade divina, da história da cidade e da constituição da nacionalidade.**(19)**

É esse caráter sagrado da Plaza de Mayo que nos leva ao segundo problema: o que conduziu até lá a multidão

que, mesmo engajada naqueles dias em uma prolongada luta de rua, não havia se atrevido até então a escolher a Plaza de Mayo como objeto e cenário da batalha? O que levou a multidão a decidir invadi-la?

Todos os relatos e análises sobre os acontecimentos de outubro compartilham de uma mesma suposição - reforçada pela posterior repetição anual do ritual - que os torna cúmplices do mito, envolvendo as origens do novo movimento político. Todos entendem a ocupação da Plaza de Mayo como um fato natural, como a única consequência possível dessa batalha política. Tudo é descrito na suposição de que Perón "devia triunfar" e somente "desse modo": depois que as massas pediram a sua presença na Plaza de Mayo. Mas foi "natural" que a multidão se dirigisse à Plaza? O que provocou tal confluência entre a convicção de alguns dirigentes sindicais e a mobilização de centenas de milhares de pessoas desde o amanhecer daquele dia quente de outubro?(20)

Ao colocar os eventos do dia 17 de outubro no contexto da guerra que sacudia a cidade de Buenos Aires, revela-se a verdadeira dimensão inovadora da ocupação da Plaza de Mayo: ao invadir aquele espaço e ao realizar o que ninguém havia ousado realizar até então, a multidão proclamou uma nova soberania sobre a cidade. Sua presença ali anunciava o resultado da batalha, ao mesmo tempo que produzia um novo movimento político que teria, entre seus traços constitutivos, o tato de haver transformado a Plaza de Mayo num verdadeiro "centro" da vida política do país.

Perón renunciou a todos os seus cargos no dia 9 de outubro de 1945. Naquela noite, alguns grupos de oposição gritavam vitoriosos nas ruas de Buenos Aires: "Já se foi!" e "Liberdade!" No dia seguinte, contudo, produziu-se um acontecimento que teria enormes consequências: diante de 70 mil trabalhadores, Perón pronunciou um discurso de "despedida" dos balcões da Secretaria do Trabalho, transmitido a todo o país pela cadeia de radiodifusão. Sem se revelarem decididamente beligerantes, os termos do discurso de Perón naquela ocasião estavam longe de ser os de uma simples aceitação da derrota. Depois de fazer uma acalorada defesa da atividade promovida por sua Secretaria, o coronel declarou:

Nesta obra, para mim sagrada, ponho-me desde hoje a serviço do povo, e assim como estou disposto a servi-lo com todas as minhas forças, juro que jamais hei de me servir dele para outra coisa que não seja o seu próprio bem. (...) E se algum dia for necessário – para desertar essa fé – me incorporarei a um sindicato e lutarei a partir da base! (21)

Em seguida, anunciou que deixava assinados dois decretos. Um, sobre associações profissionais, "o mais avançado no assunto". Outro, estabelecendo um aumento geral de salários e a implantação do Salário Mínimo, com participação nos lucros. Como não podia deixar de ser, ao ouvir o anúncio de medidas que representavam antigas e importantes bandeiras de luta do movimento sindical, a multidão explodiu em vivas nada tímidos ao coronel, gritando "Perón presidente!", "Uno milhão de votos.", "Nem nazistas, nem fascistas: peronistas!" Às demonstrações de júbilo popular, o coronel agregou um pedido muito particular. Disse: "Peço ordem, para que sigamos em frente na nossa luta vitoriosa. Mas se algum dia for necessário, pedirei guerra!" Finalmente, "despediu-se":

Não vou dizer-lhes adeus. Digo-lhes até sempre, porque de agora em diante estarei entre vocês, mais perto do que nunca. E levem, por último, esta recomendação da Secretaria do Trabalho e Previdência: unam-se e defendam-na, porque esta obra é de vocês e é o trabalho nosso.

A multidão se dispersou repetindo as novas palavras de ordem. Vista "despedida" do dia 10 de outubro foi o último ato público que contou com a participação de Perón antes do dia 17. A semana que separa as duas jornadas esteve marcada pela tensão e permeada pelos mais diversos rumores sobre o paradeiro do coronel.

A notícia da prisão de Perón e de sua transferência para a ilha de Martín Garcia explodiu como uma bomba na manhã do dia 13. "A restauração começou", sustentavam alguns cartazes pregados nos muros da capital. Os ânimos se exaltaram mais ainda quando as organizações patronais declararam que não respeitariam os últimos aumentos salariais anunciados por Perón.

Na noite de domingo, 14 de outubro, em meio a um clima de crescente agitação, alguns sindicatos preferiam buscar novos interlocutores dentro do governo, enquanto outras organizações decidiram declarar uma greve geral "pela liberdade de Perón". Na manhã do dia 15, os trabalhadores açucareiros da província de Tucumán e os operários dos frigoríficos de Ensenada e Berisso, perto da capital federal, abandonaram suas atividades; à tarde, somaram-se à greve outros sindicatos de Rosario e da Grande Buenos Aires. Respondendo às pressões das organizações sindicais de base, o Comitê Administrativo da CGT declarou a greve, *ad referendum* da reunião do órgão máximo da entidade, o Comitê

Central da Confederação (CCC), marcada para o dia seguinte. A terça-feira, dia 16, amanheceu com algumas manifestações nas ruas, enquanto na sede da CGT se realizava a esperada reunião do CCC. Depois de horas de árduas discussões que evidenciaram o grau das dificuldades e das divisões internas, o CCC decidiu convocar a greve geral para o dia 18 de outubro.(22)

Na tarde daquele mesmo dia soube-se que, com o pretexto de uma "piora súbita em seu estado de saúde", Perón havia sido transferido da ilha de Martín Garcia para o Hospital Militar, situado na zona norte da capital federal. Com a noite, chegaram, provenientes dos diferentes subúrbios da cidade, as primeiras colunas de manifestantes, que escolheram quatro pontos de concentração. O primeiro grupo se colocou em frente à sede da Secretaria do Trabalho, e o segundo em frente ao *La Época*, único jornal com simpatias peronistas - ambos os locais na zona central da cidade. Um terceiro grupo, composto de umas três a quatro mil pessoas, deslocou-se para o norte e, encontrando-se com aqueles que chegavam dos subúrbios do oeste, instalou-se em frente ao Hospital Militar, com o aparente propósito de "libertar" Perón. Ao mesmo tempo, um quarto grupo, integrado por umas cinco mil pessoas, começava a tomar conta da Plaza de Mayo.(23)

A cidade de Buenos Aires é o centro político e administrativo de um país que se constituiu tomando-a como núcleo. Isso se expressa, inclusive, na estrutura de distribuição demográfica que, desde o princípio do século, mostra a concentração de aproximadamente um terço da população total do país em sua área metropolitana. Seu caráter de "cidade-porto" consolidou a posição central de Buenos Aires na constituição moderna da nação argentina. Por lá chegaram os milhões de imigrantes e para lá converge toda a rede rodoviária e ferroviária pela qual se escoam as riquezas do país.

Um rápido vôo sobre a Buenos Aires de 1945 ofereceria a seguinte imagem: a zona central, como já foi dito, concentra todos os atributos do poder. Seu caráter "central" nada tem a ver com a geografia. É "central" porque justamente lá estão presentes todos esses emblemas, edifícios e monumentos. Também é no "centro" da cidade, às margens do rio da Prata, atrás da Plaza de Mayo, que se encontram as instalações principais do porto e da alfândega. A região que se estende ao Norte, seguindo a margem do rio, foi escolhida como lugar de residência pelos setores médios e altos da sociedade portenha (o Barrio Norte de Buenos Aires possui atributos sociais semelhantes aos da zona sul do Rio de Janeiro). Para oeste, a cidade se dissolve em bairros de setores sociais médios, baixos e de população operária, que, pouco a pouco, vão se integrando às zonas rurais do pampa. Por ali passam os caminhos de entrada do gado e ali estão os subúrbios onde se localizam os matadouros.

A cidade também se estende na direção sul, seguindo as margens do rio da Prata. Uma sucessão de bairros e povoados se espalha pelos aproximadamente 50 quilômetros que separam a capital federal da cidade de La Plata, capital da província de Buenos Aires.

A concentração de subúrbios operários é maior nessa região. São trabalhadores de indústrias portuárias e de frigoríficos. Entre esses bairros e a capital há um limite político profundamente marcado pela geografia: o Riachuelo, um braço do rio da Prata, cujas margens abrigam setores do porto e algumas indústrias. Sobre suas águas fétidas, unindo a capital e os subúrbios, há uma rede de pontes levadiças que permitem a passagem dos barcos.

Cruzar o Riachuelo e conseguir atravessar essas pontes - com tudo o que isso recorda do assalto às fortalezas feudais - foi talvez a maior aventura da "invasão" de Buenos Aires, naquela jornada do 17 de outubro de 1945 e, também, o objeto dos mais fantásticos relatos e crônicas. As pontes sobre o Riachuelo (Avellaneda e Pueyrredón) parecem ter sido objeto de uma verdadeira batalha, entre as colunas que buscavam atravessá-las em direção ao centro da cidade e aqueles que tentavam impedir sua marcha. Por vezes "as pontes baixaram" e a multidão se apressou em atravessá-las, por vezes "as pontes subiram" e, desejosos de chegar o quanto antes à capital, alguns se lançaram às águas e se arriscaram a cruzar a nado. Outros utilizaram troncos e embarcações precárias. Os demais pressionavam aqueles que controlavam as pontes: a Prefeitura Marítima e o Sindicato dos Trabalhadores Portuários.

Cada relato desse episódio apresenta contornos particulares. Não há, é claro, concordância sobre o número de vezes que as pontes subiram e baixaram. Mas o certo é que cada uma dessas subidas e descidas pode ser vista hoje como mostra do caráter inorgânico do movimento que se dirigia para o centro de Buenos Aires e das contradições em que se debatiam alguns grupos destinados a desempenhar papéis decisivos naquelas jornadas.

Ao buscarmos, nos acontecimentos de outubro, marcas de fronteiras espaciais cuja "passagem" possui o significado de uma verdadeira **ruptura de fronteiras sociais e culturais**, sem dúvida encontramos tais marcas nessas pontes sobre o Riachuelo. Na noite do dia 16 de outubro e na madrugada do dia 17, ao mesmo tempo que as atravessavam, os manifestantes realizavam uma autêntica violação de toda a estrutura de diferenças sociais, montada sobre a oposição centro/ periferia que *essas pontes* simbolizavam. (24)

Da zona sul, os manifestantes vinham de La Plata, Encenada, Berisso, Temperley, Lanus, Quilmes, Dock Sud, Avellaneda. Ao cruzar as pontes, somavam-se a outros grupos vindos dos bairros de La Boca, Barracas, Parque Patricios. Provenientes dos subúrbios da zona oeste da cidade, avançavam rumo ao centro, através das avenidas Rivadavia e de Mayo, os contingentes de manifestantes que chegavam de Mataderos, Villa Lugano, Liniers, Villa Urquiza, La Paternal, Villa Luro, Foresta Norte.

A cena se repetia em todos os arredores da capital. Os manifestantes se reuniam diante de seus locais de trabalho e dali, após percorrer seus bairros, se mobilizavam em direção ao centro da cidade. A maior parte ia a pé, alguns de bicicleta e outros a cavalo. Marchavam carregando como estandartes bandeiras argentinas e fotografias de Perón. Avançavam gritando palavras de ordem em favor da libertação do coronel e cantando o Hino Nacional, junto a improvisadas canções que tomavam emprestadas as melodias usadas nos campos de futebol. Essas melodias, assim como os bumbos que lhes serviam de acompanhamento, abandonavam pela primeira vez os limites dos estádios para incorporar-se à cultura política do país: "Perón não é comunista/ Perón não é ditador/ Perón é filho do povo/ E o povo está com Perón!"

Com o passar das horas daquela quarta-feira, 17 de outubro, paralisavam-se as atividades da cidade. O comércio cerrava as portas, algumas lojas voluntariamente, outras em função das pedras arremessadas pelos manifestantes. Piquetes de grevistas obrigavam os transportes coletivos a mudarem seus itinerários, assumindo um só sentido: trens, ônibus e bondes deviam circular apenas em direção ao centro. Nos veículos e nas paredes das ruas percorridas pelos manifestantes faziam suas primeiras aparições as palavras de ordem em favor de Perón, escritas não com tintas, mas com cal, pedaços de carvão ou giz branco. O giz e o carvão, como as bandeiras e os estandartes com as fotos do coronel, os bumbos, as canções e as palavras de ordem entoadas pela primeira vez naquela jornada, passavam a constituir a nascente liturgia "peronista".

As colunas maiores entraram na cidade depois do meio-dia. Os pontos de concentração se reduziram a dois: o maior deles era a Plaza de Mayo, onde, segundo algumas fontes, após as 15 horas havia mais de 100 mil pessoas. O outro ponto era o Hospital Militar, onde se sabia que estava o coronel.

Mas toda a zona central da cidade estava ocupada. Os manifestantes não chegavam à Plaza de Mayo ou ao Hospital Militar para permanecerem ali. Ao contrário, percorriam repetidamente os cerca de três quilômetros que separam os dois lugares. Passavam repetidamente pelos bairros e ruas da zona norte da cidade, em frente às residências dos grupos sociais mais altos, que, embora houvessem experimentado as mobilizações de rua por ocasião dos protestos "oposicionistas" dos meses anteriores, nunca antes haviam presenciado o espetáculo de "suas" ruas invadidas por tais multidões provenientes dos subúrbios. Esse espetáculo faria com que muitos dos que o observavam se definissem como visceralmente contrários a tudo o que tivesse a ver com o coronel Perón. Aqueles que não tiveram dúvidas em denominar o que viam de suas casas como um autêntico "aluvião zoológico" nasciam naquele instante, também, como "antiperonistas".

Da multidão que se congregava na Plaza e em frente ao Hospital Militar soltavam-se grupos mais reduzidos, que faziam vários percursos pelas diferentes ruas, reproduzindo todos os traços da nova liturgia. Percorrendo toda a região central da cidade, especialmente entre o centro e o Barrio Norte, os manifestantes conseguiam mostrar que, de fato, haviam se apoderado da capital.

No conteúdo de algumas das palavras de ordem, assim como na direção dos trajetos pelos espaços da cidade, é possível descobrir quem a multidão considerava seus adversários. Gritava-se a favor de Perón e contra a "oligarquia", os estudantes, os meios de comunicação, as universidades e contra a "democracia", que era a bandeira de todos esses segmentos da oposição. Os grupos de manifestantes visitavam de preferência as sedes dos centros sociais da elite. Em frente ao Jockey Clube, cantaram: "Sai da esquina, oligarca louco/ Tua mãe não te quer, Perón tampouco." Um dos

alvos preferidos eram os jornais, que haviam militado tão fervorosamente nas fileiras da oposição. Outro alvo eram as faculdades. Em frente a elas, cantavam em coro: "Alpargatas sim, livros não!" Todos esses lugares terminavam com seus vidros quebrados pelas pedras e seus muros pichados de slogans. O mesmo ocorreu em alguns monumentos e edifícios públicos, como o próprio Congresso Nacional.

Apesar de alguns atos de violência, todas as crônicas tendem a concordar que o clima da mobilização foi fundamentalmente pacífico.(25) Independentemente do estado de ânimo dos manifestantes, que não deixava de ser tenso, a "simples" ocupação da cidade parece ter sido o fato realmente importante. Imperava uma estranha mistura de confraternização popular e de sublevação com contornos carnavalescos. Em meio ao estrondo dos bumbos e à gritaria da multidão que entoava suas canções, o calor sufocante daquele dia contribuiu para o nascimento de outra categoria social: muitos homens tiravam seus paletós ou casacos e ficaram em "mangas de camisa", transformando-se nos primeiros "descamisados".

Louve um elemento determinante para que os acontecimentos fossem fundamentalmente pacíficos naquele dia: a atitude da polícia, que, em vez de impedir os movimentos da multidão, acabou por estimulá-los e, inclusive, participar deles. O sindicalista Angel Perelman recorda:

Em todos os bairros, segundo as notícias que recebíamos dos manifestantes, a polícia estava tentando dissolver e reprimir a multidão, ainda que sem empregar-se a fundo. Depois do meio-dia, a atitude da polícia começou a mudar. (...) A situação se esclareceu de repente, quando, lá pelas 15 horas, vimos atravessar a toda velocidade, cruzando em frente ao nosso táxi, um caminhão dos Correios carregado de vigilantes, que gritavam, para nossa surpresa: "Viva Perón!" (Perelman, 1961, pp. 112-113).(26)

Um dos "grandes temas" suscitados pelos acontecimentos daquele dia tem a ver com a participação dos dirigentes sindicais e da CGT na organização das mobilizações. Como já vimos, enquanto a central operária preparava uma greve geral para o dia 18, as massas haviam começado a sair às ruas desde a noite do dia 16. Em seu trabalho sobre a CGT e o 17 de outubro, Juan Carlos Torre postula a existência de uma espécie de central sindical "paralela", que teria tornado possível a unidade de objetivos - "todos à Plaza" e "pela liberdade de Perón" - e o caráter nacional que as manifestações tiveram (Torre, 1988, p. 135). Com efeito, simultaneamente ao que acontecia em Buenos Aires e seguindo em linhas gerais as mesmas características, realizaram-se mobilizações nos centros de muitas capitais e cidades do interior do país, como Tucumán, Córdoba, Rosario, Salta, Mendoza, La Plata e outras.

Nas memórias de dois dirigentes sindicais que participaram dos acontecimentos, e que deviam integrar a "CGT paralela" de que fala Torre, as ênfases dos relatos são claramente opostas. Cipriano Reyes, por exemplo, superestima sua própria atuação, afirmando que a palavra de ordem "todos à Plaza" havia partido de seu grupo (Reyes, 194, p. 220). Perelman, ao contrário, diz que na manhã do dia 17 de outubro as notícias das mobilizações os "pegaram de surpresa". Conta que apareceram "uns companheiros" na sede do sindicato dos metalúrgicos, a quem foi perguntado o que estava acontecendo.

Responderam que em Avellaneda, em Lanus, o povo está vindo para o teatro. 'Como é isto?', perguntamos. 'Sim', responderam, 'não sabemos quem deu a palavra de ordem, mas toda a gente está caminhando há algumas horas rumo a Buenos Aires' (Perelman, 1961, p. 83).

Sem dúvida, muitos fatores intervieram nas mobilizações daqueles dias. A decisão de alguns dirigentes, a indecisão de outros e também algum impulso misterioso das massas que as lançava rumo ao centro da cidade. O certo é que, à medida que caía a noite, a multidão reunida na Plaza de Mayo já chegava a vários milhares de pessoas, e que, quando alguns chefes militares se deram conta do que acontecia e pensaram em reprimir, nada mais se podia fazer sem provocar um banho de sangue.(27) A esta altura dos acontecimentos, com a cidade de Buenos Aires tomada pela multidão, se não se reprimia, não restava mais que aceitar suas exigências. Depois das 19 horas, comunicou-se aos manifestantes que estavam em frente ao hospital Militar que Perón se deslocaria para a Casa Rosada e que dali falaria à multidão. Na Plaza de Mayo, enquanto isso, instalava-se um equipamento de som que repetia o comunicado de que Perón se dirigiria ao país a partir dos balcões da sede do governo.

Ao mesmo tempo, no centro da Plaza produziam-se duas cenas que alguns relatos transformariam em símbolos máximos da jornada. Como demonstração de uma vitória cujo caráter ninguém ainda podia conhecer, fora colocado, junto à bandeira nacional içada no alto do mastro, no centro da Plaza, no coração de Buenos Aires, um retrato do coronel Perón. Aos pés do mastro ocorria outra cena carregada de irreverência aos olhos de muitos portenhos: alguns

dos manifestantes, exaustos pelo calor, haviam decidido banhar-se nas águas da fonte da Plaza de Mayo.

A consagração do 'centro' e a produção do carisma

Exatamente às 23 horas, anunciou-se que Perón já estava na Casa Rosada e que sairia ao balcão para dirigir-se à multidão. Esta respondeu agitando milhares de tochas, que completaram a imagem fantástica que Perón encontrou ao surgir no balcão. O primeiro gesto do coronel foi o de imitar uma saudação. Estendendo seus braços, parecia cobrir a multidão. A resposta foi um bramido ensurdecedor que explodiu em gritos de júbilo e nas palavras de ordem que haviam sido entoadas durante toda a jornada.

As praças públicas e centrais das grandes cidades são, pelo menos nas nossas culturas, lugares onde se concentram os poderes de Deus e do Estado. Por isso servem de "marco privilegiado para o encontro entre a multidão e o indivíduo" (DaMatta, 1985, pp. 37-38). O que se seguiu, naquela noite, ao aparecimento do coronel nos balcões da Casa Rosada, para dirigir-se pela primeira vez à multidão congregada na Plaza de Mayo, constitui uma dramatização imponente do nascimento do diálogo entre "a massa" e um novo "líder".

Se fosse possível situar em algum momento o nascimento de Perón como figura carismática, sua consagração como líder, tal momento seria sem dúvida o fantástico diálogo que entabulou com a multidão naquela noite. Um diálogo em que se pode observar, também, o nascimento de diversas identidades. Vistos como a sucessão de atos de uma obra teatral, os acontecimentos verificados, à beira da meia-noite, na Plaza de Mayo, se desenvolveram da seguinte maneira.

No meio do denso e confuso grupo de pessoas que estava nos balcões da Casa Rosada naquele momento, encontrava-se o próprio presidente do país, general Farrel, encarregado de receber Perón e de anunciar para a multidão a presença do "homem que, por sua dedicação e empenho, soube ganhar o coração de todos: o coronel Perón". Logo depois das ovações e dos gritos de "Farrel e Perón, um só coração!", Perón se fez esperar ainda alguns minutos, enquanto se anunciava a execução do Mino Nacional. Ao seu término, uma nova explosão da multidão saudou a figura de Perón, que, tomando o microfone, começou assim o seu discurso:(28)

Trabalhadores.' Há quase três anos disse que tinha três honras em minha vida: a de ser soldado, a de ser patriota e a de ser o primeiro trabalhador argentino.

Quando se acalmaram os gritos de "O povo com Perón!" e "Viva Perón!", o coronel continuou:

Na tarde de hoje, o Poder Executivo assinou a minha solicitação de reforma do serviço ativo do exército. Com isso, renunciei voluntariamente à honra mais insigne a que pode aspirar um soldado: a de levar os emblemas e divisas de general da nação. Eu o fiz porque quero continuar sendo o coronel Perón e pôr-me, com este nome, ao serviço integral do autêntico povo argentino.

Depois que a multidão acabou sua explosão, Perón prosseguiu:

Deixo o honroso uniforme que a pátria me entregou para voltar a vestir a roupa de civil e confundir-me com essa massa suarenta que elabora o trabalho e a grandeza da pátria. Com isto, dou um abraço final a essa instituição que é a pilar da pátria. E dou, também, o primeiro abraço nessa massa grandiosa que representa a síntese de um sentimento que havia morrido na república: a verdadeira civilidade do povo argentino.

Logo após uma pausa, exclamou: "isto é o povo!", ao que foi respondido com uma catarata de aplausos e ovações. "É o verdadeiro povo sofredor que representa a dor da terra-mãe que havemos de reivindicar! "(29) A multidão já não respondia somente com vivas e com palavras de ordem. Passava agora a dialogar com Perón. Queria saber onde o coronel estivera durante aqueles dias. Preso? Doente? Da Plaza surgiam gritos insistentes: "Onde esteve? Onde esteve?". Perón prosseguiu:

Há dois anos pedi confiança. Muitas vezes me disseram que esse povo, pelo qual sacrificava minhas horas de dia e de noite, haveria de me trair...

Surgiu como resposta: "Nunca! Nunca!" O coronel continuou:

Que saibam esses farsantes indignos que este povo não engana aquele que não o trai. Por isso, senhores, quero nesta oportunidade,

como simples cidadão misturado a essa massa suarenta, apertá-la profundamente contra o meu coração... corno poderia fazê-lo com a minha própria mãe.

Da Plaza voltou a ouvir-se com maior insistência: "Onde esteve? Onde esteve?" E o coronel agora respondeu:

Vocês perguntam onde estive... Estive realizando um sacrifício que faria mil vezes por vocês! Face a tanta insistência, senhores, peço-lhes que não me recordem o que hoje já esqueci. Porque os homens que não são capazes de esquecer não merecem ser queridos e respeitados por seus semelhantes e eu desejo ser querido e respeitado por vocês. (...) E não quero estragar este cito com uma má recordação...

Mais ovações e gritos de "O povo com Perón!" O líder continuou:

Sei que haviam-se anunciado movimentos operários. A partir deste momento já não existe mais razão para isso. Por isso peço-lhes, como um irmão mais velho, que retornem tranqüilamente às suas casas (...) e por esta única vez (...) já que nunca pude dizê-lo como Secretário do Trabalho e Previdência (...) peço-lhes (...) que realizem o dia da greve (...) festejando!

Ouviu-se "Amanhã é São Perón, que trabalhe o patrão!" O coronel prosseguiu o seu discurso em meio a uma grande gritaria:

(...) Que façam a greve festejando a glória desta reunião de homens de bem e de trabalho, que são a esperança atais pura e mais cara da pátria.

Havia nascido São Perón, como daquele dia em diante seria chamado o feriado motivado pela recordação de cada 17 de outubro.

Exercendo toda a força e a magia que surgia de sua nova relação com a multidão, Perón passou a dar conselhos. Pediu que se dispersassem com tranqüilidade e com cuidado e lembrou que entre eles havia "muitas mulheres operárias que devem ser protegidas aqui e na vida pelos próprios operários".

Mas ainda não havia terminado. Faltava talvez a mostra máxima de seu novo poder: o último ato. Perón acabou pedindo à multidão que permanecesse por mais tempo na Plaza de Mayo:

E agora, para compensar os dias de sofrimento que vivi, quero pedir-lhes que fiquem nesta Plaza por quinze minutos mais, para levar em minha retina o espetáculo grandioso que a partir daqui o povo oferece.

Já havia passado da meia-noite e a multidão respondeu permanecendo na Plaza, agitando suas bandeiras e tochas, gritando suas palavras de ordem e observando o líder que, estendendo as mãos, não deixava de abraçá-la do alto. Finalmente, Perón deixou o balcão da Casa Rosada, mas a multidão continuou na Plaza. Havia chegado a hora de cantar a vitória e de exercer o novo poder conquistado sobre a cidade.

É claro que, pouco a pouco, um grande número de pessoas voltou para os seus bairros. Também é certo que se deve considerar o avançado da noite e que o dia que começava era o novo "São Perón". Havia uma greve geral, não somente preparada pela CGT, mas agora também sancionada por essa reunião coletiva do "povo", os "trabalhadores", com o "líder". Por conseguinte, no dia 18 também não haveria transportes. No entanto, a multidão reinou soberana nas ruas de Buenos Aires não somente na quinta-feira, 18, como também na sexta-feira, 19. Ainda no sábado, 20, os jornais relatavam a presença de grupos nas ruas e nas praças, dando vivas ao coronel e executando todo o repertório de protestos de rua que havia nascido nessas jornadas.

Talvez os acontecimentos dos dias posteriores àquele 17 de outubro nunca tenham sido destacados suficientemente. A maior parte das crônicas simplesmente registra o cumprimento da greve geral marcada para o dia 18, sem observar que o que ocorreu na cidade, naqueles dias, foi muito mais do que uma paralisação de atividades. Na realidade, tratou-se de uma verdadeira **ocupação prolongada** de Buenos Aires. Um fato que nos remete novamente, por um lado, ao exame das relações entre espaço e sociedade, entre espaço, conflitos sociais e formas concretas de protestos de rua; e, por outro lado, ao contexto das lutas que tiveram as ruas da cidade como cenário e objeto de batalha durante os meses anteriores.

Os jornais e as crônicas e memórias que relatam os acontecimentos apresentam a imagem de uma cidade na

qual perambulavam grupos de manifestantes com "absoluta desinibição" (*La Nación*, 20/10/1945). Os manifestantes vagavam pelas ruas e, literalmente, acamparam em algumas áreas da cidade. *La Prensa*, por exemplo, no dia 19 de outubro, apresentava a seguinte imagem dos grupos que perambulavam nas ruas de Buenos Aires:

(...) limitavam-se a caminhar o dia todo sem itinerário predeterminado (...) foram se agrupando nas avenidas principais (...) e ao meio-dia continuaram avançando rumo ao centro (...) muitos dos manifestantes sentiam o efeito do cansaço e o rigor da jornada e foi assim que se deitaram nos canteiros e também nas escadarias do Banco Nacional e na esplanada da sede do governo e até na Plaza Colón para repousar. Portas, paredes e automóveis, por toda parte brilhavam as legendas feitas a giz e carvão. Não se salvaram nem as colunas da Catedral, nem a Pirâmide de Mayo, nem o pedestal do monumento a Belgrano, e na estatua de Garay (fundador da cidade) havia-se colocado um cartaz alusivo...

Na escolha dos lugares onde passavam as noites nada havia de ocasional, mas, ao contrário, uma verdadeira atividade produtora de significados sociais que, com uma transparência inusitada, permitem ver o caráter dos conflitos e de seu desfecho provisório. Os manifestantes dormiram na Plaza de Mayo, na Plaza del Congreso e em suas escadarias, na Plaza San Martín e também na Plaza Francia - estas últimas locais preferidos das mobilizações de oposição anteriores ao dia 17. Os grupos de "peronistas" repetiram suas visitas aos mesmos lugares - faculdades, clubes e jornais da "oligarquia" -, apedrejando-os e pichando suas paredes.

Esta verdadeira **contrateatralização** dava à cidade uma imagem muito diferente da vista durante as manifestações "democráticas". A oposição - como bem o nota um cronista - sentia-se derrotada, "sem ânimo para disputar o domínio das ruas" (Zuna, 196, p. 304). Uma prova disso é que naqueles dias não foram registrados atos de violência. Tudo parecia indicar que a batalha havia deixado vencedores e vencidos. Os vitoriosos prolongaram o seu acampamento nas praças e seu vagabundeio pelas ruas da cidade. A oposição, derrotada, parecia decidida a observar de dentro de suas casas a invasão de que eram objeto as "suas" ruas. As mesmas que haviam servido, até poucos dias antes, de cenário e objeto de suas exibições de poder, onde haviam realizado sua "revolução democrática" apoiada pelo panteão dos heróis nacionais.

Naquela época, Buenos Aires viveu uma estranha experiência de luta de rua. Sem barricadas, com poucas correrias, quase sem repressão e sem uma cota alta de violência. Mais que uma luta de rua, na qual os dois grupos que se enfrentam fazem da cidade um simples cenário para suas batalhas, aqui as ruas, as praças, os monumentos, os edifícios e os bairros eram cenários de verdadeiras **exibições, teatralizações e contrateatralizações**. Elas não se esgotavam na ocupação de alguns espaços, manifestando-se também no que cada grupo fazia, no que cada um gritava, nos estandartes por ali conduzidos. No que uns e outros fizeram e deixaram de fazer na cidade - e com ela - mostraram-se as diferentes relações que os distintos grupos mantinham com a mesma. Essas diferentes relações com a cidade falam profundamente, também, das próprias relações entre os grupos sociais e suas transformações.

Epílogo: rumo à 'rotinização' do carisma

Somente depois do dia 20 de outubro os jornais estamparam notícias de uma Buenos Aires novamente em calma. Naquelas jornadas, sem dúvida, fora "inaugurado" um novo tipo de relação entre a sociedade e a cidade, entre Buenos Aires e os conflitos sociais. O centro da capital federal nunca mais teria aquela imagem de certa placidez que, neste século, só havia sido perturbada uma ou outra vez pelas hostes do caudilho radical Hipólito Yrigoyen, ou por um ou outro motim militar.

Passada a crise de outubro, as forças que haviam se enfrentado nas ruas preparavam-se para enfrentar-se nas urnas. Os meses de campanha eleitoral - entre novembro de 1945 e fevereiro de 1946 - serviram para repetir muito do que uns e outros haviam aprendido e inventado nas jornadas anteriores. A disputa política continuou instalada nos espaços públicos das grandes cidades. Centenas de milhares de manifestantes voltaram às ruas do centro de Buenos Aires, aos lugares que haviam sido marcados entre julho e outubro, para anunciar ali suas adesões. Finalmente, no dia 24 de fevereiro de 1946, realizaram-se as eleições. A chapa encabeçada por Juan Domingo Perón venceu a da União democrática por pouco mais de 300 mil votos.

No primeiro aniversário da jornada do dia 17 de outubro, realizou-se na Praça de Mayo uma imensa concentração popular, que não se apoiava somente no poder de organização da CGT - já em processo de "homogeneização peronista". O ato também contava com o respaldo do próprio Congresso Nacional, que, uma vez constituído o novo governo de maioria peronista, apressou-se em transformar o dia 17 de outubro em feriado

nacional.(30) A partir daquele ano - e por mais oito vezes, até o golpe de Estado que derrubou Perón em setembro de 1955 -, o ritual se repetiu a cada 17 de outubro. Era "São Perón", o "dia da lealdade peronista". A cada ano, também, juntamente com a recordação das jornadas de 1945, recriava-se uma liturgia sancionadora de todos os mitos legitimadores do novo poder. Como parte dessa liturgia, ao tradicional discurso de Perón, feito dos balcões da Casa Rosada, logo se somou o de Eva Perón, a quem caberia um papel importante na produção e reprodução do mito.

Excede nossas possibilidades e os limites desse "epílogo" o objetivo de analisar toda a liturgia construída posteriormente em torno do 17 de outubro, seus relatos e seu lugar dentro das formas de sacralização do poder carismático no caso peronista. Neste "epílogo" buscamos simplesmente assinalar que na comemoração anual do 17 de outubro - que possui um lugar fundamental no que Max Weber denomina "rotinização" do carisma(31) -, em toda a liturgia associada à recordação dos acontecimentos de 1945, um lugar particular é ocupado por uma série de referências às relações entre a sociedade e o movimento peronista com o espaço da cidade de Buenos Aires.(32)

Cada comemoração dos eventos de 1945 reservou um lugar central à recordação da vitória com a qual culminou a batalha que teve a cidade como cenário e objeto de luta. A cada 17 de outubro, baixavam-se as pontes sobre o Riachuelo, dando passagem às colunas de manifestantes. A cada 17 de outubro se recordava a invasão do centro da capital, com as colunas provenientes dos subúrbios operários se encontrando na Plaza de Mayo para esperar as palavras de Perón. A cada ano se teatralizava a ocupação simbólica da cidade de Buenos Aires. Recriava-se assim a situação verdadeiramente extraordinária que serviu de marco à constituição da nova autoridade carismática. Reproduzia-se anualmente o cenário do diálogo original entre o "líder" e o "povo trabalhador". Um diálogo que estava indissolivelmente ligado à dramatização das condições de produção do "centro como centro".

A recriação ia muito além da Plaza de Mayo, possuía uma dimensão verdadeiramente nacional. A cada 17 de outubro, recordando as jornadas de 1945, realizavam-se concentrações nas praças centrais das capitais de muitas províncias. Ali comparecia uma multidão que reproduzia a liturgia com ligeiras variações: entoava as canções, batia os bumbos, gritava as palavras de ordem e escutava os dirigentes locais, enquanto esperava a hora marcada para o começo dos discursos do líder. A voz de Perón era ouvida através dos autofalantes colocados nas praças e que reproduziam a transmissão da Cadeia Nacional de radiodifusão. O líder não precisava -como no caso de outros líderes carismáticos de outras sociedades e culturas - fazer longas e demoradas proclamações para realizar todos os rituais consagrados. No caso de Perón, era o rádio que permitia **nacionalizar a liturgia**. Ele fazia com que o "centro" se constituísse simultaneamente como "centro" em todo o país. Ao mesmo tempo que o rádio "transportava o centro" até cada província levando as palavras de Perón, o ritual relembra que o "centro do centro" situava-se na Praça de Mayo, de onde falava o líder. A Plaza era o verdadeiro coração do país, ao qual Perón, enquanto viveu e esteve no poder, jamais deixou de comparecer para o encontro marcado.

Recebido para publicação em setembro de 1991.

Tradução de Leandro Moura.

NOTAS

* - A versão original deste artigo foi apresentada em um curso sobre as categorias de tempo e espaço na teoria antropológica, oferecido pela professora Lygia Sigaud no segundo semestre de 1959, no PPGAS, Museu Nacional, UPRJ. Agradeço à professora Sigaud e aos colegas do curso seus comentários e sugestões. Agradeço também a leitura crítica do professor José Sérgio Leite Lotes. Agradeço finalmente o apoio da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research.

1 - Em 1930, um golpe militar derrubou o segundo governo de Hipólito Yrigoyen. Abriu-se um período de proscricções e fraudes, que terminou com o golpe de 1943. O nome de "década infame" foi promovido pelos grupos de "nacionalistas" simpatizantes do golpe de 1943, para referir-se a uma época, segundo eles, de "obscurantismo político" e de "entrega" econômica.

2 - Depois da derrubada de Perón, em 1955, o peronismo proscrito fez do 17 de outubro a data da "resistência peronista". Foi somente depois de 1973, com Perón de volta a Buenos Aires depois de 18 anos no exílio, que se pôde repetir o ritual do discurso do líder diante da multidão, na Plaza de Mayo. Perón morreu em julho de 1974. Ainda hoje seus simpatizantes não deixam de recordar o 17 de outubro como o dia máximo do movimento.

3 - As exceções se devem às agudas observações de Halperin Donghi (1974, p. 774) e de D. James (1987) sobre o 17 de outubro nas cidades de

Berisso e Ensonada - este último é o único que aborda a dimensão cultural dos acontecimentos. Sobre o significado cultural e social da violação das fronteiras espaciais, ver também James (1990, pp. 49-50).

4 - Sem dúvida, não se trata de um mérito exclusivo da Escola Sociológica Francesa, ainda que tenha sido ela a encarregada de problematizar sistematicamente as relações entre espaço e morfologia social. Em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim mostrou o caráter social do processo de apropriação do espaço, através da atividade classificadora, diferenciadora, de valorização e de atribuição de sentidos (Durkheim, 1982, pp. 913). Também Marcel Mauss (1985) indicou a rentabilidade da abordagem de problemas tais como as relações entre representações e disposições espaciais e organização social. Em anos mais recentes, Marc Augé estudou as relações entre sistemas simbólicos e espaço social, mostrando como a expressão espacial dos diferentes sistemas simbólicos desempenha um papel importante nos mecanismos de naturalização da ordem social (Marc Augé, 1985, p. 1.258).

5 - Sobre os aspectos especificamente simbólicos e "teatralizadores" da dominação e da luta contra ela, pode-se ver E. P. Thompson (1976) e I. James (1987).

6 - Como apontou Robert Darnton num breve artigo dedicado à Revolução Francesa (Darnton, 1988).

7 - Ver o número de *Annales ESC* dedicado à questão do espaço, no qual merece destaque especial o artigo de R. Descimón (1990). Ver também o artigo sobre o tempo como *enjeu politique*, de F. Raison (1981), e os trabalhos incluídos no livro organizado por J. Merriman (1982), especialmente o de Charles Tilly.

8 - **Plaza del Coragreso:** em frente à sede do Congresso Nacional, unida pela larga Avenida de Mayo à Plaza do mesmo nome. **Plaza San Martín:** uma das zonas mais chiques de Buenos Aires, que mostra um pouco do melhor da *belle époque* portenha. **Monserrat:** região de "classe média" da cidade e ponto de passagem dos subúrbios do oeste e noroeste para o centro.

9 - Cf. C. S. Fayt (1967, pp. 109-110) e F. Luna (1986, pp. 147-150). Sobre o significado do apoio da CGT a Perón naquele momento, no qual a maior parte das organizações que integravam a central operária eram de tendência "socialista" ou "sindicalista" e postulavam uma certa "presciência" política, ver H. Matsushita (1983, pp. 286-290), H. Del Campo (1983, pp. 198-203) e J. C. Torre (1988, pp. 125-127).

10 - Os "tradicionais" *La Prensa*, *Lu Nación*, *Crítica* e o jornal socialista *La Vanguardia*. Ver, por exemplo, F. Luna (1986, p. 91 e segs.) e Gambini (1971, p. 20 e segs.).

11 - A "alpargata" é um tipo de calçado ou sandália utilizado para o trabalho. Um sinônimo de trabalhador.

12 - "(...) esses estudantes 'democráticos' jamais haviam se aproximado de um sindicato, nem haviam parado para conversar com um operário (...), eles vivem e estudam sem se darem conta de qualquer dor humana (...) O grito 'Alpargatas sim, livros não!' possuía um verdadeiro conteúdo social e humano (...), nenhum operário ignorava que 'a cultura' e 'o livro', transformados em senhores de título e poder, submetiam ao engano e à arbitrariedade (...) do mesmo modo que os patrões" (Reyes, 1984, pp. 189-190).

13 - **Plaza Francia:** situada no coração de La Recoleta, o mais chique de todos os bairros portenhos. Para chegar lá, a multidão teve que atravessar avenidas (Quintana, Alvear) cujos nomes eram os das famílias reais notáveis da elite da cidade e que tinham alguns representantes à frente da Marcha. Uma elite que habitava essas ruas e avenidas e que enterrava seus mortos no cemitério situado no próprio centro desse bairro, ao lado da Plaza Francia. A lista das figuras que encabeçavam a Marcha pode ser encontrada em F. Luna (1986, p. 199 e segs.) e em H. Gambini (1971, p. 20 e segs.).

14 - Com o propósito de dificultar o comparecimento ao ato, o Sindicato dos Condutores de Bondes - partidário do coronel Perón - preparou uma greve de transportes. Buscando explicar a enorme presença com a qual a Marcha contou, apesar da greve, e denunciar a composição social da mesma, o jornal *La Época*, que apoiava o regime, dizia ironicamente: "Como é que a greve dos transportes os afetaria, se todos iam de automóvel?", e afirmava: "Poucas vezes havia se conseguido reunir um grupo tão seleto de mulheres bonitas" (cit. em Luna, 1986, p. 200).

15 - Esta "encenação" na Plaza San Martín foi talvez a maior expressão da falta de bússola da oposição naquela semana decisiva: uma vez caído Perón, com a vitória na mão, a oposição se empenhava em exigir uma rendição incondicional, o que era inadmissível para as Forças Armadas, que sustentavam o governo. Sem apresentar alternativas para negociar e, sobretudo, sem contar com interlocutores legítimos que o representassem, o heterogêneo movimento "democrático" se alegava em festejar uma vitória que não duraria mais do que cinco dias.

16 - Ver as observações de Edward Shils (1961) a respeito do "centro", que servem de ponto de partida para o trabalho de Geertz e também para sua elaboração posterior, e mais completa, sobre a teoria weberiana do carisma (Shils, 1981, pp. 225-230).

17 - Com estas observações não buscamos opor de maneira simplista "produção" e "reprodução social". É claro que todo ritual encarregado de "recriar" ao mesmo tempo "produz" a autoridade carismática. No entanto, concordamos com a idéia de que Weber não elabora uma teoria a respeito das condições sociais nas quais surge o poder carismático (Cf. Tilly, 1978, p. 39). Por outro lado, o próprio Geertz sugere que as formas sociais por

ele analisadas foram "em algum momento inventadas" (Geertz, 1977, p. 152). Nos limites deste artigo, não pretendemos esgotar a análise das condições sociais que subjazem à produção social de uma nova liderança carismática, mas somente chamar a atenção para uma das dimensões de tal processo: as relações entre organização espacial e formas de autoridade.

18 - O que, para o caso do peronismo, foi destacado especialmente por Juan Carlos Torre (1989).

19 - Aos palácios e monumentos, somam-se os relatos históricos que transformam a Plaza em cenário do processo de independência e tecem, em torno dela, alguns dos maiores mitos de origem da nacionalidade. Esses grandes relatos sobre a história nacional - transmitidos por meio de textos escolares e recriados nas comemorações nacionais - concordam em descrever o 25 de maio de 1810 como o dia em que o "povo de Buenos Aires" compareceu maciçamente à Plaza para pedir a independência. Embora a historiografia moderna tenha posto em questão a participação "popular" nesses acontecimentos, sem dúvida o forte conteúdo simbólico de tais relatos catava presente na dimensão que se conferiu à ocupação da histórica Plaza em 1945.

20 - Na perspectiva deste trabalho, perdem relevância as demoradas discussões sobre o "verdadeiro" papel desempenhado pela direção sindical nos acontecimentos, sobre o caráter "espontâneo" ou "organizado" da mobilização do 17 de outubro. Indo além dessa longa discussão - que é em si mesma uma arena de disputas entre representações políticas - interessa ressaltar aqui o fato aparentemente mais simples e óbvio: centenas de milhares de pessoas ocuparam as ruas de Buenos Aires e acabaram se estabelecendo na Plaza de Mayo. Dessa maneira, contribuíram para a produção de algo novo em termos sociais.

21 - Cf. Fayt (1967, p. 112 e segs.), Luna (1986, pp. 232-236) e Gambini (1971, pp. 23-25).

22 - Cf. Torre (1988, pp. 142-143).

23 - Foram utilizadas especialmente informações de Luna (1986, pp. 218-221), Gambini (1971, pp. 42-104), Reyes (1984, pp. 222-240), Perelman (1961, pp. 63-132), Torre (1988) e James (1987). Foram também consultados os jornais *La Nación* e *La Prensa*.

24 - Sobre as marcas que designam fronteiras e sobre as "passagens materiais", ver Van Gennepe (1973, cap. 2). Sobre a divisão das cidades em centro e periferia e sobre a equação de sentidos a ela associada (centro, dentro, superioridade social versus periferia, fora, inferioridade social), ver Da Matta (1985, pp. 26-28).

25 - Os atos de maior violência ocorreram fora da capital federal, particularmente em La Plata, Encenada e Berisso (Cf. James, 1987). De qualquer maneira, um aspecto importante da mobilização foi o número relativamente pequeno de feridos e de detidos (algumas centenas). Da lista com mais de 200 feridos e detidos publicada pelos jornais surge um fato interessante: sua média de idade era inferior a 23 anos. A leitura do artigo de James permite observar características comuns notáveis entre estas manifestações do centro da capital e as de Ensenada e Berisso.

26 - Independentemente dos desmentidos da historiografia posterior, muitos relatos falam da participação de "Evita" nos acontecimentos. Uma imagem que passou a fazer parte do 17 de outubro, quando este se transformou num verdadeiro ritual apoiado na sua própria coleção de mitos. Sobre a mitologia em relação ao papel de "Evita", ver Navarro (1980), e sobre "os mitos" de Eva Perón, em geral, ver Taylor (1980).

27 - Cf. Luna (1986, pp. 287-292).

28 - Ver os jornais *La Nación* e *La Prensa*, Luna (1986, pp. 293-299) e Gambini (1971, pp. 94-98). A versão resumida do discurso de Perón e das respostas da multidão segue em geral a de Luna.

29 - São muitos os elementos desse discurso que mereceriam ser ressaltados, especialmente o ato através do qual Perón designa e - contando com a pretensão **performativa** de suas palavras - "constitui" o seu auditório como "o povo", o "verdadeiro povo", os "trabalhadores". É claro que uma consideração mais profunda da eficácia **performativa** de suas palavras deveria centrar-se na análise das condições sociais que subjazem à "produção" e "recepção" de tal discurso (Cf. P. Bourdieu, 1982, pp. 99-161). A partir de uma ótica diferente, S. Sigal e E. Verón fizeram uma análise sugestiva da "dimensão discursiva" do fenômeno peronista, postulando que a chave do "peronismo como fenômeno discursivo" reside no que denominam de "o modelo da chegada", a partir do qual o "enunciador" ocupa uma posição de líder. Este discurso é visto pelos autores como o marco da "passagem" do quartel para o Estado e o mundo da política, como uma verdadeira "transmutação" da própria pessoa de Perón, na qual se constitui como "enunciador líder" (Sigal e Verón, 1988, pp. 27-47).

30 - Baseado nas atas do Congresso Nacional, A. Ciria informa sobre os termos das propostas de "fundamentos" do feriado do 17 de outubro e sobre as disputas que geraram no Congresso (A. Ciria, 1983, pp. 273-282). Lendo a crônica dos debates legislativos, é difícil evitar a sensação de que se assiste ao enfrentamento entre diferentes relatos do mito de origem que competem por sua própria legitimação, o que constitui uma fonte inestimável para realizar um estudo mais amplo do processo de construção dos mitos em que se apoiou a nova liturgia.

31 - Weber (1964, pp. 197-204).

32 - Passou a ser tão forte esta referência "espacial" na liturgia peronista que, em anos posteriores, cada vitória política foi sempre lembrada com uma nova concentração na Plaza de Mayo. No dia 30 de outubro de 1983, realizaram-se eleições depois de anos de ditadura militar. Apesar da morte de Perón na década anterior, boa parte da população não duvidava da vitória peronista. Na noite daquele dia, alguns simpatizantes começaram a se reunir na Praça de Mayo, aguardando confiantes o resultado da votação. Quando se soube da notícia de que o candidato radical havia triunfado, não faltaram alguns peronistas que afirmaram pesarosos: "Hoje as pontes não baixaram." Uma vez morto Perón e depois desta primeira ocasião em que o peronismo foi derrotado eleitoralmente, a história da Plaza de Mayo começava a separar-se do movimento político que ali nascera.

ANEXO

O 17 de outubro de 1945 se transformou num objeto privilegiado das mais diversas discussões. Aqueles acontecimentos passaram a ser vistos como a dramatização da "essência" do movimento político a que deram origem. Para todos aqueles que falam sobre o "peronismo" - desde os discursos com maiores pretensões acadêmicas até os de caráter mais político - "explicar" o 17 de outubro de 1945 é como que uma chave, uma prova maior. No entanto, apesar da diversidade de opiniões, um traço é comum a todas as versões: de uma maneira ou de outra, acabam contribuindo para a construção e a legitimação do mito de origem do próprio movimento.

Dentro dos discursos de caráter mais acadêmico, as posições se dividem com relativa clareza: de um lado, aqueles que consideram o 17 de outubro um violento motim espontâneo, protagonizado por massas de "novos operários" de origem rural. Para esta posição, aquele dia aparece como o momento culminante da "entrada" no sistema político de massas até então "disponíveis", pela mão de um "líder" autoritário. **(I)** De outro lado, há aqueles que ressaltam o caráter pacífico, festivo e organizado das manifestações, a intervenção de líderes sindicais - ainda que não da cúpula da CGT - e a participação do grosso da população trabalhadora, do "povo", com algum grau de "consciência" sobre seus interesses em jogo, enquanto categoria social. **(II)**

Outros argumentos provêm dos discursos produtores de representações políticas, que certamente se cruzam e se confundem com os pontos de vista de pretensões mais estritamente acadêmicas. Para os "partidos operários tradicionais" (comunistas e socialistas), o 17 de outubro foi o início de um verdadeiro terremoto, provocado pela evidência de que os trabalhadores passaram a se auto-identificar como "peronistas". O 17 de outubro acabou por somar ao tradicional Primeiro de Maio um novo "dia dos trabalhadores", mais festivo e alegre do que a recordação marcial e circunspecta dos mártires de Chicago. Um dia que, por outro lado, se referia à relação entre os trabalhadores e um indivíduo - Perón - e não ao esperado processo de aquisição de "consciência de classe". Assim, para os "partidos operários", não restou outra alternativa que a de desqualificar os manifestantes: aqueles que haviam ocupado as ruas e as praças não faziam parte dos "verdadeiros contingentes da classe operária". **(III)**

Os grupos "liberais", que haviam gozado da paz e de muitos dos benefícios da época "pré-peronista", viram o 17 de outubro, por um lado, como uma espécie de "crise reveladora" de uma Argentina até então "oculta"; e, por outro lado, como um acontecimento que deu origem ao "maior equívoco da história do país". **(IV)**

Por sua parte, os diversos setores identificados como próximos ao "peronismo" esforçaram-se para construir um relato daquela jornada integrando a totalidade dos traços assinalados pelas outras versões, ainda que revestidos de um sinal positivo. Foi um movimento espontâneo, uma explosão dos setores sociais "esquecidos" até então: os "descamisados", os "cabecinhas negras" que, chegados do interior do país, encarnavam o melhor das "tradições nacionais", invadindo a "metrópole europeizada" de Buenos Aires. Foi violento, "como toda revolução", mas sem perder o caráter de "festa popular". Ao mesmo tempo, foi visto como o fruto da organização do movimento operário e da atividade "do melhor" dos líderes sindicais, que reconheceram o caráter progressista da política 'de Perón. Em resumo, a partir das diversas vertentes do peronismo, os discursos exaltam sempre o sentido "revolucionário" dos acontecimentos, construindo um autêntico mito de origem cujo ponto culminante é o encontro entre o "povo" e seu "legítimo líder". **(V)**

Notas do anexo

I. Cf. Germani (1973, pp. 479-480). Na interpretação de Germani, o 17 de outubro é a explosão social que marca a "integração" das massas ao sistema político. A consagração da liderança de Perón é o produto da relação dessas massas de "cultura tradicional" (predispostas a relações do tipo "paternalista" e que haviam sido lançadas às grandes cidades como conseqüência do processo de modernização econômica vivido pela Argentina

desde 1930) e o líder que dá lugar a esse "ingresso", capitalizando desta maneira sua situação de "disponibilidade".

II. Num trabalho importante sobre o papel da CGT nos acontecimentos, Juan C. Torre propôs-se a "questionar inapelavelmente a versão que pretende que o ocorrido no 17 de outubro foi um motim popular que havia espoucado à margem das organizações". Torre argumenta que, apesar de todas as suas "vacilações", "enquanto o Comitê Central da CGT não aprovou a greve geral, os trabalhadores não se lançaram maciçamente às ruas". Por outro lado, o caráter nacional e sincronizado da mobilização só pode ser explicado - segundo seu ponto de vista - pela existência de uma "ampla rede sindical", que funcionou "paralelamente" à direção da central operária (Torre, 1988, pp. 136-137). De modo semelhante, M. Munnis e J. C. Portantiero explicam o 17 de outubro como uma "participação coincidente entre sindicatos novos, velhos e paralelos", observando: "a área de direção organizada" da atividade de rua expressou-se no caráter "autônomo" e "homogêneo" da ação do movimento operário nas origens do peronismo (Murmis e Portantiero, 1984, pp. 106-126).

III. O jornal *La Vanguardia*, porta-voz do Partido Socialista, assinalou pouco depois dos atos: "Os operários, tal como sempre se definiram nossos homens de trabalho, aqueles que há anos sustentam e sustentaram suas organizações sindicais e suas lutas contra o capital (...) não estavam lá. Esta é uma verdade inquestionável e pública que não pode ser desmentida: se pararam seu trabalho na quarta e quinta-feira não foi por autodeterminação, mas por imposição dos núcleos anteriores, amparados e estimulados pela polícia." (*La Vanguardia*, 23/10/1945).

IV. "(...) havíamos falado muito de nosso povo (...) mas não o conhecíamos. Perón nos revelou não o povo, mas um setor do povo que, efetivamente, nos parecia estranho e estrangeiro. O 17 de outubro lançou às ruas centrais de Buenos Aires um sedimento social que ninguém havia reconhecido. Parecia uma invasão de pessoas de outro país, falando outro idioma, vestindo trajes exóticos e, no entanto, eram nossos irmãos esfarrapados, nossos irmãos miseráveis (...) que saíram para pedir o resgate de seu cativo, a exigir um lugar ao sol, e apareceram com suas facas de magarefes na cintura, ameaçando com uma noite de São Bartolomeu no Barrio Norte. Sentimos calafrios, vendo-os desfilar numa verdadeira horda silenciosa, com cartazes que ameaçavam realizar uma revanche terrível." (Martinez Estrada, 1956, pp. 31-32).

V. "(...) um pujante palpitar sacudia as entranhas da cidade. Um hálito áspero crescia nas densas expirações, enquanto as multidões continuavam chegando. Vinham das usinas de Puerto Nuevo, das oficinas de Chacarita e Villa Lugano (...). Brotavam dos pântanos de Gerli e Avellaneda ou desciam de Lomas de Zamora. Irmanados no mesmo grito e na mestra fé, iam o peão rural de Calielas e o torneiro de precisão, o fundidor, o mecânico de automóveis, o tecelão, o fiandeiro e o empregado de comércio. Era o cimento básico da Nação que surgia, como surgem as épocas passadas da terra depois da comoção do terremoto". (Scalabrini Ortiz, 1946). Um intelectual comunista convertido ao "peronismo" pouco depois de 1945, num repente de "hegelianismo" afirmou: "o proletariado que desencadeou a greve revolucionária dos dias 17 e 18 de outubro de 1945 atuou movido por dois imperativos, aparentemente antagônicos, provenientes de sua própria natureza de classe, isto é, que não foram impostos por nenhuma força exterior a ele: a espontaneidade e a autoconsciência. (...) Foi o estouro do pathos proletário que despertou nos grevistas a autoconsciência de que eles e somente eles podiam evitar a perda de suas conquistas" (Puiggrós, 1988, pp. 179-180).

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc (1985), "Notes sur les rapports entre espace social et systèmes symboliques". *Annales ESC*, n° 6, nov./dez.

BOURDIEU, Pierre (1982), *Ce que parler veut dire*. Paris, Fayard.

CIRIA, Alberto (1983), *Política y cultura popular en la Argentina peronista*. Buenos Aires, La Flor.

DA MATTA, Roberto (1985), *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense.

DARNTON, Robert (1988), "What was revolutionary about the French Revolution?". *The New York Review of Books*, vol. 35, n° 21 e 22.

DEL CAMPO, Hugo (1983), *Sindicalismo y peronismo: los comienzos de un vínculo perdurable*. Buenos Aires, CLACSO.

DESCIMÓN, Robert (1990), "Les barricades de la fronde parisienne. Une lecture sociologique". *Annales ESC*, n° 2, mar./abr.

DURKHEIM, Emile (1982), *Las formas elementales de la vida religiosa*. Madri, Akal.

FAYT, Carlos S. (1967), *La naturaleza del peronismo*. Buenos Aires, Viracocha.

GAMBINI, Hugo (1971), *El 17 de octubre*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina (Colección Historia Popular, n° 26).

GEERTZ, Clifford (1977), "Centers, kings and charisma: reflections on the symbolics of power", in J. BenDavid e T. N. Clarck, *Culture and its creators*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

- GERMANI, Gino (1973), "El surgimiento del peronismo: el rol de los obreros y de los migrantes internos". *Desarrollo Económico*, n° 74, jul./set.
- HALPERIN DONGHI, Tulio (1974), "*Algunas observaciones sobre Germani: el surgimiento del peronismo y los migrantes internos". *Desarrollo Económico*, vol. 14, n° 56, jul./set.
- _____. (1986), *La democracia de massas*. Buenos Aires, Púidós.
- JAMES, Daniel (1987), "17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina". *Desarrollo Económico*, n° 107, out./dez.
- _____. (1990), *Resistencia e integración; el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. Buenos Aires, Sudamericana.
- LUVA, Felix (1986), *El 45*. Buenos Aires, Sudamericana.
- MARTINEZ ESTRADA, Ezequiel (1956), *Que es esto? C'atlinaria*. Buenos Aires, Lautaro.
- MATSUSHITA, Hiroshi (1983), *Movimiento obrero argentino (1930-1945): sus proyecciones en los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo XX.
- MAUSS, Marcel (1985), "Essai sur les variations saisonnières des sociétés eskimos", in *Sociologie et antlaropologie*. Paris, PUF.
- MERRIMAN, John M. (1982), "Images of the nineteenthcentury French City", in J. Merriman (ed.), *French cities in the nineteenth century*. Londres, Hutchinson & Co.
- MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan C. (1984), *Estudio sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo XX.
- NAVARRO, Marysa (1980), "Evita and the crisis of 17 October 1945: a case study of peronist and antiperonist mythology". *Journal of Latin American Studies*, 12, 1, pp. 127-138.
- PERELMAN, Angel (1961), *Como hicimos el 17 de octubre*. Buenos Aires, Coyoacán.
- PUIGGRÓS, Rodolfo (1988), *El peronismo: sus causas*. Buenos Aires, Punto Sur.
- RAISON, Françoise (1981), "A Madagascar: le temps comme enjeu politique". *Annales ESC*, n° 2, mar./ abr.
- REYES, Cipriano (1984), *Yo hice el 17 de octubre*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina.
- ROUQUIÉ, Alain (1982), *Poder militar y sociedad política en la Argentina*, vol. II (1943-1973). Buenos Aires, Emecé.
- SCALABRINI ORTIZ, Raúl (1946), *Los ferrocarriles deben ser del pueblo argentino (tierra sin nada, tierra de profetas)*. Buenos Aires.
- SHILS, Edward (1961), "Centre and periphery", in *The logic of personal knowledge: essays presented to Michael Polanyi*. Rotdlegde & Kegan Paul, pp. 117130.
- _____. (1981), *Tradition*. Chicago, The University of Chicago Press.
- SIGAL, Silvia e VERÓN, Eliseo (1988), *Perón o muerte; los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires, Hispamérica.
- TAYLOR, Julie M. (1980), *Evita Perón: the myths of a woman*. Basil Blackwell-Oxford.
- THOMPSON, Edward P. (1976), "Modes de domination et révolutions en Angleterre". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 2 e 3.
- TILLY, Charles (1978), *From mobilization to revolution*. New York, Random House.
- _____. (1982), "Charivaris, repertories and urban politics", in J. Merriman, *French cities in the nineteenth century*. Londres, Hutchinson & Co.
- TORRE, Juan Carlos (1988), "La CGT y el 17 de octubre", in J. C. Torre (org.), *La formación del sindicalismo peronista*. Buenos Aires, Legasa.
- _____. (1989), "Interpretando (una vez más) los orígenes del peronismo". *Desarrollo Económico*, vol. 28, n° 112.

VAN GENNEP, Arnold (1973), *Les rites de passage*. La Haye, Mouton.

WEBER, Max (1964), *Economia y sociedad*. México, Fundo de Cultura Econômica.

Outras fontes:

- jornal *La Nación*

- jornal *La Prensa*